

ESPECIAL ELEIÇÕES

A Era Sarkis chega ao fim

Ele tentou e quase conseguiu. Depois de sete anos e meio no comando da Reitoria da UFSM, o professor Paulo Jorge Sarkis carregou debaixo do braço a candidatura de Elaine Resener e juntos, quase chegaram lá. É verdade que o custo foi bastante alto, entre os quais se destaca a perda de apoio de vários pró-reitores (que preferiram apoiar Clóvis Lima) e o rompimento público com a Associação dos Professores Universitários (APUSM). Podem ser feitas muitas críticas a Sarkis, entretanto, é inegável a sua capacidade de articulação política. Oriundo ele mesmo dos quadros da APUSM, onde desde a década de 70 duelava em campos antagônicos aos grupos simpatizantes à esquerda, Sarkis soube ter paciência para chegar ao cargo de Reitor e, de forma inédita, dirigir a Instituição durante dois mandatos consecutivos. Por muito pouco ele deixou de eleger a sua candidata, o que significaria mais um período de influência sua e do que restou de seu antigo *staff*.

O que ainda não se tem muito claro são os motivos que o levaram a não apoiar a candidatura de Lima e Felipe. Especula-se que uma das causas seria o fato de a candidatura de Lima ter sido lançada durante uma viagem de Sarkis. Entretanto, a versão de Lima é outra (ver entrevista com reitor eleito nas páginas 8 e 9). Segundo ele, a candidatura de Elaine Resener teria sido articulada por Sarkis há pelo menos dois anos. O conflito criado deixou marcas importantes como o rompimento com o outrora fiel escudeiro, professor Ailo Saccol, atual presidente da APUSM. Rompeu-se uma parceria de pelo menos 30 anos. Acompanhe a seguir uma avaliação do professor Paulo Sarkis a respeito do processo eleitoral.



Sarkis votou confiante no dia 23 de junho

“Me sinto derrotado e vitorioso”

P- Como o sr. avalia a vitória do candidato Clóvis Silva Lima à Reitoria?

R- Avalio como uma decisão natural do processo sucessório da Universidade, que é o resultado de múltiplas articulações e relacionamentos.

P- A derrota da candidata que o sr. apoiava (Elaine Resener) pode ser considerada uma derrota política sua?

R- Os resultados de uma eleição podem ser analisados por vários ângulos. Como objetivo final de exercício do cargo, é óbvio que o professor Lima foi o vencedor. Mas como desempenho na eleição, tendo entrado no processo e na busca de articulações políticas muitos meses (ou seriam anos?) mais tarde, a Professora Elaine é também vitoriosa. Quanto à minha pessoa, que não escondo o meu reconhecimento às qualidades da candidata que apoiei, embora saiba-se que transferência de votos não funciona em eleição, considero-me derrotado e vitorioso solidariamente à chapa de minha preferência.

P- O sr. foi qualificado por alguns como “maquiavélico” pela forma como exonerou cargos de

confiança e antigos colaboradores que não apoiavam a sua candidata à Reitoria. Como recebeste estas críticas, já que foram públicas?

R- As críticas dependem do círculo que se frequenta. No círculo que o repórter frequenta esta pode ser a crítica atribuída à minha pessoa. Como homem público, analiso e processo as críticas recebidas e, neste caso, considero-as descabidas. Fui muito generoso mantendo nos cargos de confiança pessoas que manifestaram preferências eleitorais diversas da minha. Não é normal este comportamento numa prefeitura, governo de estado ou outro órgão. No círculo que frequento, a mesma crítica de maquiavelismo é feita para as mesmas pessoas que externam este pensamento a meu respeito.

P- A sua relação com APUSM saiu arranhada?

R- É óbvio que a APUSM foi usada indevidamente. Mas isto não diz respeito à entidade, e sim, aos detentores da sua direção.

P- Panfletos anônimos durante a campanha atingiram a honestidade de apoiadores do candidato Clóvis Lima, mas que

também foram -colaboradores seus, vinculando-os a “esquemas” dentro da UFSM. Na sua avaliação, por que foi levantado este tipo de questão?

R- Na verdade, o panfleto continha ofensas e acusações a apoiadores das chapas 1 e 3. Elogios à chapa 2, que negou sua autoria. Todos os aspectos deste triste episódio foram encaminhados para apuração, tanto na Polícia Federal como no âmbito administrativo da Universidade. Não tenho o poder de interpretar o espírito humano para saber o que se passa no cérebro de quem fez (ou fizeram) este panfleto.

P- Como fica o relacionamento da sua gestão no tempo que ainda resta com o Vice-Reitor, que é o reitor eleito?

R- No que me diz respeito, o professor Lima deverá tratar da organização de sua futura administração. Quando no exercício legal da Reitoria, espera-se que dê andamento às orientações que encaminhamos. Nas últimas semanas, quando esperamos que sua equipe esteja formada, passaremos ao chamado período de transição, decidindo conjuntamente sobre as ações a serem tomadas.



Elaine e Sarkis: criação política quase vingou

Carta anônima: investigação difícil

O *Jornal da SEDUFSM* procurou a Polícia Federal no dia 13 de julho para saber sobre o andamento do inquérito que investiga o envio de cartas anônimas durante a campanha eleitoral à Reitoria, em que eram feitas acusações contra a honra de integrantes da chapa 1 (Lima e Felipe) e também à chapa 3 (Elaine e Jardim). Conforme informação do delegado Valmir Soldati soube-se que o inquérito foi aberto no dia 9 de junho e está sob a responsabilidade do delegado Elton Manszke (que está afastado da delegacia e retorna em agosto). Soldati explicou sobre a apuração dos responsáveis:

“Tudo está sendo feito de acordo com o tempo disponível e também com jeito, porque não lidando com delinquentes, estamos tratando com funcionários públicos de alto gabarito. Não é um trabalho normal de polícia. É uma investigação que tem que ser levada com certa flexibilidade porque a gente sabe que questão de eleição, na hora do pleito esse tipo de coisa acontece. Só que eu não vejo assim com facilidade de se chegar a quem fez essa carta.”

Outras questões também foram apresentadas a Soldati. Veja as respostas:

No que avançou esse processo? A Polícia Federal tem pistas?

Hoje eu diria que não, posso até dizer que o pessoal que está investigando, de repente está conduzindo para determinado lado que pode até vir amanhã ou depois a indicar um responsável, mas não sei se vão conseguir provar. Na verdade podemos

até saber quem fez, mas é uma questão de provas, não adianta dizer “o fulano fez”, onde é que está a prova de que ele fez.

A informação se as cartas foram postadas na universidade já existe?

Não, eu não tenho essa informação.

Então vocês ainda não têm elementos para indicar pessoas?

Não, e hoje mesmo se tivesse alguém é muito cedo para falar em nomes. Mas eu não vou dizer que não tenha nomes, eu tenho já direcionamentos das investigações para A, B ou C. É lógico que, quando se investiga, se investiga alguém. Então, se está vendo se aquela pessoa que tu apontou como um possível, um provável suspeito, tem mesmo sentido. Existem vários (possíveis suspeitos) que se aponta para dar início à investigação. Isso aí a gente tem e é obrigado a ter na verdade.

No caso da identificação do responsável esse crime se configura como que tipo de delito?

Ainda não foi declinado o tipo de crime dada à variedade de ilícitos que podem surgir, um seria injúria, difamação e calúnia. Agora, dentro do inquérito, durante as investigações, nós podemos chegar no peculato. O inquérito não está comigo, estou falando por outra autoridade policial, mas é uma coisa complexa, porque de repente aquilo que foi comentado na carta, os próprios fatos apontados naquele manifesto, podem dar o direcionamento do caso.